

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Eliana Moura Brasil Salgado

Escola Técnica Estadual Mandaqui

São Paulo/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora /Instituição: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo. Professora na Etec Mandaqui e docente pesquisadora no Projeto de Memórias da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza sob a Coordenação da Professora Maria Lúcia Mendes Carvalho.

Levantamento de dados preliminares a entrevista: docente pesquisadora Ana Cristina Gonçalves de Azevedo, realizou um levantamento dos docentes do início do curso Técnico em Nutrição e Dietética na Etec Mandaqui e dos componentes ministrados pelos docentes.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo

Local da entrevista: Biblioteca da Etec Mandaqui – São Paulo

Data: 17 de novembro de 2025

Técnico de gravação: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo

Duração: 43 minutos e 49 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo

Número de páginas:16

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada dentro do contexto do Projeto Memórias na Etec Mandaqui na proposta do Projeto Memórias da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. O Projeto de Memórias na Etec Mandaqui no ano de 2025 teve como objetivo fazer o levantamento e entrevistas com docentes que iniciaram o curso Técnico em Nutrição e Dietética na Unidade, o que ocorreu em agosto de 2011. Dessa forma, a escolha da docente

para a entrevista utilizando história oral de vida ocorreu pela mesma ser a primeira professora e coordenadora do curso na Unidade.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: dezembro de 2025.

Nome da transcritora: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo

Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo (ACGAF): Boa tarde! Hoje é dia 17 de novembro de 2025. Estamos aqui na Etec Mandaqui para efetuar a nossa entrevista com a professora Eliana Moura Brasil Salgado para o Projeto Memórias da Educação Profissional e Tecnológica. Eu sou a professora Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo aqui da Etec Mandaqui.

Eliana Moura Brasil Salgado (EMBS): Boa tarde (risos), que honra estar participando deste projeto, contando um pouquinho da história do que nos trouxe até aqui hoje né. Sou a professora Eliana, sou nutricionista, sou casada, tenho um filho, hoje casada já a 45 anos, meu filho já tem 38 anos. E eu estou no Centro Paula Souza já desde maio de 1999. Sempre foi um sonho pra mim poder dar aulas né, e quando criança seguia a educação em escola pública né, aí eu fui caminhando sempre achando que eu queria ser professora, que eu queria ser médica, criança não tem muita... sempre está mudando né as suas opiniões né os seus quereres e eu cheguei na adolescência querendo ser arquiteta, nada a ver com a nutrição, até que quando eu estava no segundo ano médio eu tive a oportunidade de participar de uma feira de profissões na escola e descobri a nutrição. Daí cheguei em casa e falei para os meus pais que queria mudar, que eu não queria mais fazer arquitetura, acho que arquitetura foi um incentivo de ver o meu pai que era da área da engenharia mecânica, construir os seus desenhos e vendo seus projetos né, crescerem e virarem um desenho se transformando numa peça e aquilo me encantava e eu falava que eu queria ser arquiteta. Que eu ia desenhar casas e ver as casas serem construídas. E aí eu descobri então a nutrição, cheguei em casa falei dessa nova ciência, que ainda era nova aqui no Brasil. Não se falava muito na área da nutrição. E meus pais ficaram como? vai ser, vai fazer faculdade para ser cozinheira, então não precisa fazer faculdade. eu tinha que explicar, não é ser cozinheira, é estudar sobre o alimento e entender qual é a reação que esse alimento vai fazer no nosso

corpo e aí assim eu acabei indo para a graduação. Eu sou da segunda turma da Universidade Mogi das Cruzes, na época não tínhamos muitas opções de faculdade aqui em São Paulo. Só tinha a USP com 20 vagas e eu não me achei preparada, na época, e tinha Mogi que estava nascendo, uma faculdade particular. E os meus pais se prepararam para que eu caminhasse então em uma graduação particular e assim fui de São Paulo para Mogi, indo de trem todos os dias né, eu tinha aula de segunda a sábado, durante quatro anos em período integral, era uma grade pesada porque a Nutrição começou junto com a Medicina, então o primeiro ano dá que eu tive ele foi todinho na faculdade de Medicina da UMC, tanto que os laboratórios Anatomia, citologia, histologia eram todos juntos com os mesmos professores da medicina, até que o curso foi se estruturando, foi reconhecido e aí nós pegamos os nossos laboratórios, Técnica Dietética, Bromatologia na época e assim eu caminhei pela nutrição. Sou formada desde 1979, na sequência eu fui já logo trabalhar. Comecei trabalhando na área de controle de qualidade e eu não me afinava muito com a área hospitalar, com a área clínica, estar no hospital não era uma coisa que me fazia muito bem, e eu não me sentia, eu acho que assim, estar dentro de um hospital, cuidar dos pacientes era o que a ciência me levava a estudar e aprender eu gostava dessa parte, mas eu não gostava porque eu me apegava muito aos pacientes e isso não me fazia bem. Então nos períodos de estágio na faculdade ou eu me apegava muito aos pacientes, ou se eu tentasse não me apegar a eles aquilo mexia muito comigo, às vezes conhecer um paciente e ver que depois ele ir a óbito, então optei por não trabalhar na área clínica por conta de estar dentro de hospitais, isso me incomodava um pouco. E o meu primeiro emprego já eu consegui logo em seguida da minha formatura. O meu primeiro emprego foi numa indústria é... onde nós tínhamos três tipos de cardápios. Tinha um cardápio para diretoria, um cardápio para administrativo e um cardápio operacional que eram refeições transportadas, lá em 1980, nessa época a gente trabalhava muito com refeição transportada. Eu fiquei nessa empresa quatro anos. Em nenhuma empresa que eu trabalhei eu fui desligada, em todas elas eu busquei a oportunidade de buscar novas oportunidades, saía de um emprego para outro, às vezes parando de trabalhar na sexta feira e na segunda eu já estava em uma nova empresa. E essa trajetória começou, meio (risos) querendo desistir de ter escolhido a área, de repente nesse meu primeiro emprego eu fui trabalhar no local onde nunca tinha havido esse profissional né, e eram as pessoas leigas que cuidavam do restaurante praticamente né, e o diretor achava que como ela servia a refeição para eles e quem iria servir a refeição para eles também seria eu. E isso me incomodou bastante, eu falei os meus pais tinham razão eu não vou estudar durante 4 anos para de repente não ser cozinheira, mas ser garçonne. Cheguei em casa, contei que eu queria desistir, que não era isso que eu queria e aquela empresa não estava dando certo. E aí eu peguei, meu pai pediu meu avental, o jaleco e ele escreveu a palavra nutricionista assim no peito e pediu para minha

mãe bordar e no dia seguinte eu fui trabalhar de cabeça erguida e fui atender os diretores servindo a refeição na mesa para eles, e eles olharam aquilo: “Nossa, o que é ser nutricionista?” E aí eu expliquei para eles que não conheciam o profissional que seria um profissional da saúde e que estava ali para cuidar da alimentação deles. E eles passaram a valorizar esse trabalho. E com o tempo eu consegui conquistar meu lugar ali para atender a eles fosse contratado uma pessoa para fazer esse serviço. Então eu contratei uma moça, que seria a copeira, para fazer um cafezinho, levar para eles durante uma reunião, servir a eles a refeição e assim eu trajetei pelos meus quatro anos no meu primeiro emprego. O que eu acho bem interessante que logo que eu saí da faculdade, eu tinha uma colega que ela dava aulas lá na Getúlio Vargas, uma escola que era masculina e que passou a ser mista lá na década de 70, não me lembro exatamente qual foi o período e ela que começou a dar aula lá. Ela é da minha turma de faculdade e ela me ofereceu, você não quer vir dar aula aqui. Eu cheguei até ir fazer uma entrevista na Getúlio Vargas, antes do meu primeiro emprego, mas como a oferta era para poucas aulas né, em princípio, a gente inicia assim com poucas aulas e entre a oferta da empresa que era um trabalho em regime CLT, carteira registrada, uma carga horária maior a remuneração maior eu acabei optando em caminhar pela indústria. Mas, mal sabia eu que depois estaria eu de volta dentro da Getúlio Vargas por onde eu entrei. Então eu entrei num concurso que houve na Getúlio Vargas, em um processo bem diferente dos de hoje. Na época até aluno fazia parte da banca avaliadora e assim eu comecei dando as minhas aulas, comecei com muitas poucas aulas. Na época eu dava aulas só no período noturno e ainda estava na indústria. Quando eu saí desse meu primeiro emprego eu fui para um outro para uma Multinacional buscando aí novos desafios e foi já já estava casada nesse período, já tinha um filho, mas eu ainda não pensava em dar aulas, mas era, sempre foi um sonho meu dar aula, porque a gente ter um conhecimento, um estudo e de repente não multiplicar, isso era uma coisa que me deixava um pouco assim, falei nossa eu sei tanta coisa tanta coisa possa ajudar, ensinar a quem quer aprender. E aí eu falei: “Não, eu ainda vou dar aulas.”. Então nesse período eu mudei de empresa, fui para uma outra empresa na região do ABC, fui trabalhar numa Multinacional, a primeira, a empresa não queria que eu saísse, só sai na condição de eu deixar uma pessoa no lugar. Eu deixei uma colega, sugeri uma colega, eles acataram e ela acabou ficando e eu fui para essa outra empresa. Porque sabia meu primeiro emprego a empresa também ia sair de São Paulo e eu não tinha interesse de sair de São Paulo. Meu esposo já trabalhando, bom emprego e eu não queria sair da capital e já tinha o primeiro bebê né, daí falei não tudo bem. Então eu comecei de associar o meu querer de ser arquiteta já neste meu primeiro emprego. Porque nesse meu primeiro emprego a empresa mudou para São José dos Campos e toda a construção da cozinha que para lá na empresa que foi montada eu trabalhei junto com os engenheiros e arquitetos para

poder montar uma UAN de acordo com a estrutura ideal, porque aqui em São Paulo o nosso espaço era pequeno, a cozinha servia refeição para o administrativo, pra diretoria, em torno de 200 a 250 refeições, no operacional 1200 a 1500 e mais a transportada e lá a produção ia ser toda no local, então eu ajudei na construção né. Na elaboração do layout de uma cozinha para 2000 refeições. E eles assim eles mudaram para São José dos Campos futuramente. Depois do meu desligamento depois de alguns anos eles realmente mudaram. E como a gente sempre deve sair com as portas abertas né, eu sempre comento isso com os meus alunos né, eu gosto de contar para eles sobre a minha trajetória profissional, eu acho que a gente sempre deve sair de um emprego para outro deixando as portas abertas. E como nesse meu primeiro emprego eles não queriam que eu me desligasse, eles já tinham se adaptado a existência de um Nutricionista ali naquele local, que nunca havia tido né, eles acabaram me encontrando por coincidência no segundo emprego. Até um dia o garçom veio me chamar desse meu segundo emprego falou: “Olha, a mesa do presidente tem as visitas e estão te chamando”, e eu fui preocupada, falei o que aconteceu, porque eu saí de uma UAN com volume de 1800 refeições, 1500 a 1800 para uma bem maior, com 5000 refeições e só para a diretoria, a gente tinha um refeitório com 60 refeições, por turno, dois turnos, 120 pessoas, e quem estava me chamando lá eram os diretores que queriam falar não “Poxa olha pelo que você nos trocou”, mas me deram parabéns por eu ter trocado por uma empresa que era até cliente deles na época era uma indústria de metalurgia e tinham uma parceria. A primeira indústria fornecia material para eles também. A gente não sabe quem a gente vai encontrar, futuramente. Aí eu fiquei nessa empresa 6 anos mais ou menos e fui em busca de novos desafios. Fui para terceira empresa trabalhar com controle de qualidade, foi quando eu tive a oportunidade, meu filho maior, meu filho tinha 12 anos, meu grande incentivador, ele sempre me admira muito aquilo que eu vou desenvolvendo e sempre tem interesse e fica me perguntando. A mamãe vai dar aula e ele ficou muito animado e comecei a dar aula só no período noturno. Passei no processo, no concurso na Getúlio Vargas. Comecei dando aula por uma noite e assim eu fui ampliando na educação e daí nesse meu terceiro emprego eu acabei ficando bastante tempo, uns 10 anos ali também e plantando nossos conhecimentos na área de controle de qualidade, na área administrativa, mas sempre tive a oportunidade em todos os meus empregos, mesmo não gostando de trabalhar em hospital, fui trabalhar com a área clínica, trabalhando com grupos isolados, porque na indústria a gente sempre encontra pessoas que tem problema de saúde que requerem cuidados específicos na sua alimentação como portador de hipertensão, colesterol alto, gastrite bastante pessoas né, diabetes, e muitos desses dessas nossos colaboradores, nossos clientes da indústria, eu montava grupos e trabalhava a orientação alimentar pra eles, e tive bons resultados viu, e porque era engraçado as pessoas vinham com muita gratificação, nossa graças a você eu estou curada,

graças a suas orientações na alimentação hoje eu não preciso mais tomar remédio, eu não parei de tomar remédio, continuei seguindo as suas orientações na alimentação e hoje estou curada, isso pra mim era, é muito gratificante né . Então eu digo para os alunos que independente da escolha que eles vão ter, até para os nossos alunos como Técnico em Nutrição, eles tem uma gama muito grande no mercado de trabalho para público sadio, para área hospitalar, para criança, hoje além de trabalhar com educação hoje não estou mais na indústria com regime exclusivo CLT, mas eu faço consultoria, eu faço consultoria em restaurante comercial, faço consultoria em escola de educação infantil, indústria ainda me pedem consultorias, industrias de pequeno porte né , ainda eu continuo ativa na área, mas a minha carga maior de trabalho hoje é na educação. E a gente não pode parar de estudar então depois de entrar para educação eu fui fazer algumas escolhas, fui fazer pós-graduação em obesidade e emagrecimento, para manter o meu contato com a área clínica, fui fazer Esquema 1 do Centro Paula Souza, para melhorar as dinâmicas pedagógicas, sempre é bom a gente estar se atualizando. E a minha última pós graduação foi em Gastronomia, porque eu gosto bastante das aulas de Técnica Dietética e fui aprimorar um pouquinho esse conhecimento da Técnica Dietética, fazendo uma pós em gastronomia também e procuro sempre me atualizar em alguns cursos e de não com pós, pós eu fiz três , mas especialização eu me cobro fazer algumas por ano, no mínimo umas quatro por ano a gente acaba trabalhando um pouquinho mais o conhecimento, porque em sala de aula a gente sempre está aprendendo , o aluno às vezes quer saber um pouco mais do que aquilo que está se trabalhando e em sala de aula e quando pedi uma abordagem daquilo que ainda não ouvi, pois a nutrição é uma ciência e está em constante evolução. Então a gente vai buscar mais informações.

ACGAF: E como você chegou aqui na Etec Mandaqui?

EMBS: Aí...quando eu entrei na Getúlio Vargas eu comecei com poucas aulas, fui aumentando o número de aulas, chegou um tempo que eu saí da indústria, eu estava lá na Getúlio Vargas, Etec Getúlio Vargas, e eu ampliei a minha carga horária para poder, tive a oportunidade de ganhar mais aulas, daí em um determinado momento eu assumi a coordenação do curso, eu assumi a coordenação do curso de nutrição, por um período de 5 a 6 anos eu fiquei como coordenadora. E na época o diretor da escola lá, foi convidado a cuidar da Etec Mandaqui e ele veio para cá. Só que quando ele veio aqui para a Etec Mandaqui, o curso que nós temos era Enfermagem, Ensino Médio e Edificações. E não tinha nem um outro curso mais, e existia a possibilidade da gente criar o curso de Nutrição também, e ele me convidou se não poderia ajudá-lo a vir implantar o curso pra cá. E é óbvio que como sempre que eu acabei mudando

às vezes a escolha de trabalho por oportunidade de desafios eu aceitei. Só que foi bem (risos) foi bem, coincidiu duas mudanças. Quando eu estava lá na Getúlio Vargas, o diretor de lá me convidou para ser coordenador, coordenadora pedagógica, e eu acabei aceitando a fazer a coordenação pedagógica, então eu ia migrar de coordenadora de curso para coordenadora pedagógica, só que no mesmo dia que esse convite aconteceu, em horários diferentes, depois eu recebi o convite do Professor Celestino que eu já estava trabalhando há bastante tempo para vir para cá como coordenadora pedagógica também e, mas para eu ajudar a implantar o curso... E é obvio que eu aceitei, e aceitei e falei não, vamos, vamos lá, vamos trabalhar o curso do jeitinho que a gente gosta. Então eu vim pra cá a princípio ele mesmo pensou em como Diretora Acadêmica, até porque eu era coordenadora de curso, eh a facilidade não seria, seria muito bom, porque tudo que um coordenador trabalha ali para administrar né o curso, estar no comando, seria fácil eu pegar como diretora acadêmica. E não seria diferente como coordenadora pedagógica e eu acabei aceitando esse desafio. Então eu falei para ele que o diretor da outra unidade tinha me convidado para pedagógica, expliquei para ele, e ele falou então você pode vir para cá também como coordenadora pedagógica. Mantive as minhas aulas em substituição na Getúlio Vargas, mantendo algumas ministrando para poder eu vir para cá e implantar o curso. Não foi difícil para a implantação desse curso, porque existe o plano de curso do Centro Paula Souza e baseado no plano de curso, o curso que a gente estaria implantando aqui seria o mesmo que eu já estava coordenando na outra escola, a gente só teria as partes burocráticas, para administrar a montagem do laboratório, equipamento, equipe de professores, acervo de biblioteca para a gente poder estar implantando. E em seis meses a gente inaugurou o curso de nutrição aqui na Etec Mandaqui. Então a Etec Mandaqui ela nasceu em fevereiro de 2011, em fevereiro de 2011 eu já estava aqui e em agosto de 2011 a gente iniciou com a nossa primeira turma de nutrição.

ACGAF: E quando você veio o laboratório já estava construído e ou você também acabou auxiliando no layout, como foi isso?

EMBS: É ele tinha o espaço, tinha o espaço, foram feitas algumas adaptações para administrar melhor para o curso, ainda era possível mexer porque estava em construção quando viemos para cá, tanto que o pavimento de subsolo era todo terra, não tinha nada, nosso laboratório fica no primeiro andar, então ele tinha as paredes, não tinha tubulação preparada já para a gás, esgoto, água, mas ainda precisou de algumas adaptações, que foram feitas, só que não tinha equipamento nenhum. E aí nós tivemos que solicitar esses equipamentos, a princípio os equipamentos até chegaram no prazo da gente iniciar as aulas, mas a gente teve problema com a tubulação de gás, no começo. Tanto do primeiro semestre

do curso quase não teve aula prática. A gente teve que adequar os nossos cronogramas, né de aula, para que o gás no finalzinho do ano quase poder ser instalado e os alunos aí caminharem com as aulas práticas. Como era uma sala só, não foi difícil de fazer essa adaptação. Era uma sala no período da tarde e uma sala no período da noite, então não foi difícil da gente fazer essas adaptações e aí no ano seguinte já iniciamos com tudo funcionando né, foi bem. Mas é um movimento da escola que vai acontecendo com os ajustes que vão se fazendo necessário, então.

ACGAF: E você viu muita mudança em relação aos planos de curso, a grade curricular nesse período que você está na docência?

EMBS: Ah! Já, já passei por muitas mudanças. Logo que eu cheguei no Centro Paula Souza em... já estava tendo uma mudança. Eu não entendia ainda muito bem o que eram essas mudanças, mas hoje eu consigo entender que existe um grupo né, de laboratório de currículos que vai se adequando com mercado de trabalho de cada profissional, no caso nosso, técnicos em nutrição, que vai se adaptando porque muita coisa vai caindo em desuso e não é necessário mais a gente ficar puxando isso do aluno quando o mercado não exige mais isso. Então muitas matérias deixaram de ser aplicadas no curso em função de todas essas mudanças. A própria legislação vai se ajustando, vou falar por uma que eu já passei por duas vezes e que depende do laboratório de currículo, por exemplo, a vigilância sanitária, a ANVISA ela controla a embalagem dos alimentos, então nós ensinamos o aluno a construir né, a produzir um alimento, a identificar qual é a embalagem ideal para esse alimento e a rotulagem desse alimento, então não é só uma embalagem onde tem informações do que contém naquele alimento, da informação nutricional, da letrinha que está ali, se está bonitinha ou não está, se está em destaque ou não está, existem regras pra por isso, então eu já passei por essas mudanças de legislação logo no início, quando foi acho que é .. 80 deixa eu ver, foi em 99, 2000 e pouco quando entrou o Mercosul, que já houve mudança até do valor energético total de referência né, que eram 2500 calorias e baixou para 2000. E agora também no meio da pandemia a legislação vem mudando também né, então essas mudanças acontecem não só para as indústrias de alimentos, mas esse conhecimento também vem da gente poder passar a informação para os nossos alunos, então a gente está passando por uma adaptação da legislação da rotulagem dos alimentos, e assim tudo vai se adequando, a legislação sanitária, em relação as boas práticas de manipulação, também vão se adaptando né, então são mudanças que a gente tem que ir acompanhando. Então óbvio que tem um laboratório de currículos aí que estuda o mercado para avaliar estas mudanças e implantar essas mudanças num plano de curso. Eu já passei por várias mudanças de curso, eu saberia

dizer nem quantas, eu diria que pelo menos umas três ou quatro. Sem contar as mudanças de estrutura de curso mesmo como um todo, aonde de repente o nosso aluno estava integrando com uma escola onde ele fazia a parte da base comum e vinha para Etec que era ETE na época né, para fazer a base técnica, onde depois surgiu o curso modular, aonde a opção dele era fazer o ensino médio onde ele quisesse, ou já estar numa graduação e vir fazer o ensino técnico. Depois veio Mtec, o Etim depois o Mtec PI, período integral e agora o Mtec sem ser o período integral. Muitas mudanças eu já passei.

ACGAF: E você acredita que também na sua prática pedagógica ela tenha que se adaptar, por exemplo, para o modular, para o Etim, como é que é isso?

EMBS: Sim. São faixas etárias diferentes que a gente trabalha com alunos no Mtec que hoje adolescentes, que chega aqui meio perdido que não sabem por que está aqui. Às vezes porque a escola é perto, ou porque o pai ou a mãe já falou, não é aqui que você vai estudar é isso que você vai ter que fazer. É difícil ele estar aqui por uma escolha própria, eu digo que um percentual muito baixo do Mtec está no curso que escolheu, muito baixo. Mas o que nos deixa cada vez mais empolgados em continuar este caminho da docência é ver que ao chegar ao longo de três anos, muitos optam por escolher aquilo que eles estudaram, poxa eu cheguei aqui e não sabia o que queria, achei que ia fazer Educação Física, Medicina, Psicologia, Odontologia, mas eu gostei tanto da Nutrição, e é Nutrição que vou fazer. Então às vezes ele vem para o curso de Nutrição achando que vai ingressar num curso na área da saúde, mas não tem certeza qual e opta por seguir na nutrição, a gente tem um percentual maior hoje de alunos que caminha para fazer a nutrição porque gostou do curso, do que aquele que entrou já sabendo que queria o curso, agora no modular é diferente, no modular os alunos que estão aqui porque escolheram o curso, mesmo que sejam alunos que estão cursando segundo ou terceiro ano numa outra escola e escolhem fazer o curso de nutrição, eles estão aqui por escolha, então dar aula pro modular e dar aula pro Mtec, sim faz diferença no nosso [...] pedagógico, às vezes a gente tem que segurar o aluno, e atrair essa atenção dele e a gente consegue perceber que a gente conseguiu atrair quando ele resolve escolher como referência aquilo que a gente está ensinando e isso é muito gratificante.

ACGAF: Em relação as aulas práticas, você é professora de aula prática né.

EMBS: Sim

ACGAF: Você sente que houve mudanças nas suas práticas pedagógicas.

EMBS: Ah sim, Bom, a gente vinda assim ...de outra Etec pra cá, a gente tenta caminhar com aquilo que eu já fazia anteriormente, mas a gente vai conhecendo novos colegas e a gente vai somando ideias né. Então eu acho que na nutrição pelo menos, a gente sempre que tem um conjunto de professores em que a gente troca muitas ideias, e a escola como um todo, que nem aqui hoje nós temos curso de Administração, de Edificações, Enfermagem. Nos nossos encontros pedagógicos existe uma troca também muito grande, então existe também às vezes a interdisciplinariedade entre cursos, então a gente acaba trocando informações entre cursos, entre nutrição com enfermagem, nutrição com edificações, nutrição com administração, então os alunos percebem que é um conjunto de informações que a gente nunca está sozinho mesmo né.

ACGAF: Você acha que foi um diferencial aqui na Etec?

EMBS: Foi, aqui sim, aqui foi. A GV era bem grande, nós tínhamos mais, se eu não me engano na época, nós tínhamos lá 12 cursos diferentes, 12 a ... 12 cursos diferentes fora o ensino médio. 12 modulares diferentes na época que eu vim para cá. Depois é que veio o Mtec.e, não havia essa integração, eu não percebia que tinha essa integração, hoje talvez por a gente ser uma escola mais compacta, com menos cursos, a gente consegue ter essa integração, então dá para gente fazer uma com um trabalho que envolva edificações por exemplo, num layout de uma cozinha, qual é a capacidade daquela minha cozinha, quantas refeições eu posso colocar, o dimensionamento de mão de obra que eu colocar naquele espaço, a gente consegue. A parte da administração a mesma coisa, envolver os alunos de administração com a parte de estruturas e rotinas em um serviço de alimentação. Ou na enfermagem na troca de uma informação de uma dieta com que eu vou oferecer ao meu paciente no leito. Existe a integração e eu acho muito interessante.

ACGAF: E os alunos você vê diferença dos alunos de quando você começou na docência para agora?

EMBS: Ah vejo, bastante. (tosse). Talvez por eu ter começado só com alunos de modulares eu percebo que o aluno de modular ele vem para fazer o curso que ele escolheu né. Amm, com os alunos do integrado hoje, pós pandemia eu acho que houve uma defasagem muito grande de aprendizado, por parte da base... do fundamental deles. Não que a gente não esteja trabalhando isso com os nossos alunos, mas a gente acaba percebendo a dificuldade da gente poder trabalhar esse material, principalmente quando a gente fala em questões de

matemática, por exemplo, e não tem como, na nutrição também tem a matemática, para cálculos de índices alimentares, para cálculo de um valor energético e eu trabalho é a matemática básica mas eu preciso dela. Então eu sinto bastante diferença. Agora passado já um tempo da pandemia, onde os alunos que estão ingressando já vem de um fundamental presencial, está começando a melhorar de novo. Mas a gente passou por um período bem delicado, bem delicado, a gente sabe que quem quer aprender vai atrás, vai buscar informação. Mas houve uma falha bem entende, bem marcante eu acho.

ACGAF: E na pandemia em relação as aulas práticas, como foi esse desafio?

EMBS: (Risos), foi um desafio, primeiro que quando começou a pandemia, a gente como professor que estava acostumado na aula presencial e tal, a gente sentiu, falei: “Como que a gente vai fazer com as nossas aulas práticas?” “Como eu vou usar o quadro para poder ensinar os meus cálculos?” E aí teve que se reinventar. Então na pandemia foi bem interessante porque a gente os fazia fazerem prática em casa e usar os recursos que eles conhecem da informática. Vou fazer um vídeo, vou fazer um Tik Tok, ou postarem em forma de foto, mas eles tinham que fazer aula prática também. E eles desenvolviam essa aula prática lá remotamente, e tem até a história de uma aluna, que foi para Bahia, ela assistia, ela era bem presente nas aulas e ela assistia remotamente de lá, porque ela podia assistir de onde ela estivesse né. e a aula era de leite e derivados. E na prática de leite eles tinham que desenvolver era iogurte ou manteiga ou doce de leite eu sei que eu dei algumas opções. Eu sei que ela fez a manteiga, ela ordenhou a vaca, ela extraiu o leite na origem e fez a manteiga. E disse que a família toda adorou a manteiga que ela fez e ficou bonita, não pude provar, mas estava bonita pelo vídeo que ela postou para gente né. Deve ser gostoso.

ACGAF: E você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre a Etec Mandaqui que você gostaria de deixar registrado?

EMBS: Olha, estar aqui na Etec hoje, eu me sinto muito lisonjeada, eu adoro estar aqui. Eu já estou aposentada já tem 14 anos, eu estou aposentada. Me aposentei logo que eu vim para cá 2012 eu me aposentei. E... mas, eu não quis parar de trabalhar eu continuo até hoje. É uma área muito gostosa, não só a escola como escola física, ela tem uma estrutura muito gostosa, eu adoro estar com os alunos, porque eu acho que o aluno me incentiva a sempre estar indo buscar novidades. E esse ano nós passamos por uma experiência mais novinha ainda, onde eu gosto tanto da escola que eu acabo me envolvendo em vários projetos. Desde da época que nós iniciamos aqui que tinha uma ferramenta educacional que era o Click ideia,

então era coordenadora pedagógica, mas eu trabalhei como coordenadora do Click ideia, sempre vim da GV já como ... professora orientadora do Programa Aprendiz Paulista, esse ano eu além dos projetos que eu já faço eu também entrei como professora orientadora do Inova aqui na escola e através dessa ferramenta, duas alunas desenvolveram um produto, e eu as incentivei a irem pro Mercado Tec que foi o primeiro Mercado Tec que teve dentro da 16ª FETEPS, tem até aqui a minha lembrancinha que foi muito gratificante [a professora mostra a camiseta da FETEPS a Etec Mandaqui esteve lá sendo representada, ela de mais das 100 escolas que se inscreveram para o Mercado Tec ,só 10 foram escolhidas e a nossa escola estava junto, isso me deixa muito lisonjeada né, eu fico muito feliz que de estar aqui. Então este grupo participou, foi representar a Etec aceitou a minha proposta e eu fui como professora orientadora e a gente conseguiu ali realizar a representação da escola, angariar um pouquinho mais de verba pra APM também, né. Então para mim é um encanto estar aqui, é muito gostoso estar com os alunos, então uma área gostosa, eu curto em estar com os meus com as minhas crianças, eu digo que eles são os meus herdeiros de conhecimento porque tudo que eles querem aprender eu estou disposta a ensinar, mas.... se eles quiserem né, então eu não guardo o meu ensino para mim só, é para eles. Eu sempre digo vocês são os meus herdeiros de conhecimento. Então é isso.

ACGAF: Agradeço muito a sua participação, professora Eliana. Obrigada.

EMBS: Imagina.

Descritores

História oral na Educação

Memórias do Trabalho Docente

Eliana Moura Brasil Salgado

Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo

Etec Mandaqui

Técnico em Nutrição e Dietética

Etec Getúlio Vargas

Práticas pedagógicas

Nutrição

História da Etec Mandaqui

Esquema 1

Técnica e Dietética

UAN

Ensino Médio

Edificações

Enfermagem

Administração

Plano de curso

Laboratório de currículo

Professor Celestino

Coordenação pedagógica

Click ideia

Programa Aprendiz Paulista

Dados Biográficos da Entrevistada



Eliana Moura Brasil Salgado. Nasceu em São Paulo, em 8 de janeiro de 1956. Estudou e formou-se no Primário nas Escolas Agrupadas do Tatuapé (1967), o Ginásio na Escola Estadual Clara Mantelli (1971), no Colegial na Escola Estadual Clara Mantelli (1974). É Graduada em Nutrição pela Universidade Mogi das Cruzes (1979), com Especialização em obesidade e Emagrecimento pela Universidade Gama Filho (2008) e Especialização Programa Especial de Formação Pedagógica Centro Paula Souza (2008), com Pós-graduação em Gestão e Negócios em Gastronomia pela FAMESP (2017). Entre 1980 e 2005 atuou como Nutricionista em UAN institucional (Orion / TRW / Kolynos / American Bank / Ford / GRSA). Desde 1999, é Professora do curso Técnico em Nutrição e Dietética pelo Centro

Paula Souza, ingressando pela Etec Getúlio Vargas. De 2011 até os dias atuais atua na Etec Mandaqui, como Professora Responsável pelo Programa Aprendiz Paulista na Etec Mandaqui, Facilitadora do Projeto INOVA & Carreiras do CPS, membro da CIPA na unidade escolar, membro da APM e do Conselho de Escolar. Atua com Controle de Qualidade em Consultoria e Assessoria para restaurantes institucionais, estabelecimentos comerciais de alimentação, escola de educação infantil, indústria alimentícia, desde 2010.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo Nasceu em São Paulo, em 5 de julho de 1968. Fez o Pré-primário no Externato Maria Cândida, em São Paulo (1974), a 1ª série no Externato Maria Cândida, em São Paulo (1975), a 2ª Série a 4ª série na Escola Municipal Professora Helena Lombardi Braga (1976 a 1978), o Ginásio na Escola Municipal Professora Helena Lombardi Braga (1979 – 1982), o Colegial com o curso Técnico em Nutrição e Dietética na Escola Estadual, atual Etec Carlos de Campos (1983 – 1986). A Graduação em Nutrição pela Faculdade de Saúde Pública da USP (1987 – 1990) e Especialização em Nutrição Clínica pela Faculdade Integrada São Camilo (1996). Também participou do Programa Especial de Formação Pedagógica Centro Paula Souza (2008). Tem Mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Unifesp (2014). Atuou como Nutricionista e Nutricionista Encarregada no Hospital das Clínicas- Instituto Central em São Paulo. Atuação na área clínica e produção (1991 a 1992). Também como Nutricionista da Prefeitura São Paulo com atuação no Hospital Municipal Tide Setúbal. Atuação na área clínica (1992 a 1993). Foi Nutricionista pela Prefeitura São Paulo com atuação no Hospital Municipal José Storópolli (1993 a 2005). Atuação na área clínica, em posto de coleta de leite materno, equipe EMTN e atendimento

ambulatorial. Entre 1993 e 2012 foi docente na Etec Carlos de Campos. Atuou como Docente na Universidade Sagrado Coração de Jesus em Santo André/SP (2007), e desde 2011 é Docente na Etec Mandaqui. Participação como docente pesquisadora no Projeto Educação Alimentar do CPS, entre 2008 e 2010, e no Projeto Educação Física e Nutricional com adolescentes do CPS, ambos sob a coordenação da Professora Maria Lúcia Mendes Carvalho. Desde 2025, é professora-pesquisadora na Etec Mandaqui participando do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica CPS

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Eliana Moura Brasil Salgado

Termo de Autorização para uso de Imagem de Eliana Moura Brasil Salgado